

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15400 - Resumo Expandido - Trabalho - 5ª Reunião Científica Regional da ANPEd Norte (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 03/GT 06/GT 14/GT 17/GT 18 - Movimentos Sociais, Filosofia, Sociologia, Educação Popular e EJA

ESTUDOS DECOLONIAIS: CONTRIBUIÇÕES À RENOVAÇÃO CRÍTICA DA SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

Sérgio Roberto Moraes Corrêa - UEPA - Universidade do Estado do Pará

Agência e/ou Instituição Financiadora: Capes

ESTUDOS DECOLONIAIS: CONTRIBUIÇÕES À RENOVAÇÃO CRÍTICA DA SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

Resumo

O presente trabalho analisa a contribuição dos estudos decoloniais para o revigoramento crítico da sociologia da educação no Brasil. Embora a influência da ciência moderna ocidental sobre as ciências sociais brasileiras ainda seja muito presente, contudo, é, também, verdade que nesse país já se produzia uma ciência social, em particular uma sociologia crítica ao colonialismo em suas várias dimensões, inclusive epistemológica. Mas, esse campo das ciências sociais, em particular da sociologia, ainda carece avançar nesse horizonte descolonial e renovador crítico. Esse trabalho compartilha, assim, resultados parciais de uma pesquisa de pós-doutorado realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Palavras-chaves: Decolonialidade. Pensamento social brasileiro. Sociologia da educação.

Introdução

Na contemporaneidade, a crítica da *Rede* ou *Programa Modernidade-Colonialidade-Decolonialidade* (Rede M-C-D) vem interpelando e exigindo uma revisão crítica da racionalidade moderna ocidental como “universal” e de seu modelo hegemônico de sociedade, de civilização como padrão global – o *Norte Global* –, propondo, com isso, provocar *fissuras* nessas matrizes teóricas e estruturas, o que abre e possibilita a perspectiva de renovação crítica das ciências sociais na atualidade, assim como reacende e reinventa o ideal latino-americanista de projeto de libertação (CASTRO-GOMES, GROSGOUEL, 2007; LANDER, 2005).

Es aí o desafio, na atualidade, da *descolonização* de sociedades como a brasileira, que evidenciam ainda hoje problemas históricos e marcas profundas coloniais em suas diversas esferas da vida, dentre elas as das ciências e da educação, escancarando um processo de modernidade e de capitalismo dependentes e periféricos muito particulares, que exigem outras e novas formulações teóricas e conceituais a partir dessa periferia (FERNANDES, 2008, 2020; RIBEIRO, 1996).

No terreno mais específico da sociologia da educação no Brasil, esse campo de pesquisa apresenta uma trajetória histórica (SILVA, 2002), movida por avanços, limites e desafios que, em cada contexto histórico, é provocado a se reposicionar num movimento de *autorreflexão* (OLIVEIRA, SILVA, 2016) no sentido de fazer valer o seu papel na história. Na atualidade, esse campo vem novamente sendo interpelado a se situar, para alargar, pluralizar e renovar sua agenda de pesquisa.

Em face desse desafio, esse texto busca apontar contribuições do pensamento decolonial para o revigoramento crítico da sociologia da educação, descortinando seus problemas, desafios e potencialidades para renovação e descolonização de uma agenda de pesquisa. Esse artigo é parte e resultante de uma pesquisa de pós-doutoramento, concluída no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, por meio do Projeto Procad-Amazônia.

Ao adentrar no debate acerca dos estudos decoloniais, tomando como marco de referência *El giro decolonial*, é importante registrar a existência de uma genealogia que antecede e assenta as bases para a constituição do Grupo Modernidade/Colonialidade (CASTO-GOMES, GROSFOGUEL, 2007), que vai se desdobrar na referida Rede M-C-D. Conforme Adélia Miglievich Ribeiro (2019), esse campo decolonial se constitui como uma das correntes de pensamento dos estudos pós-coloniais. Assim, no campo dos estudos pós-coloniais, existe uma diversidade de linhagens de pensamentos. Miglievich-Ribeiro (2016, p. 1) compreende esse campo pós-colonial como “o esforço de articulação das vozes subalternas em busca da condição de sujeitos de sua própria fala e história”.

A chamada *virada pós-colonial* tem suas marcas profundas conectadas às lutas por independência na Índia e por libertação em África. Boaventura Santos (2006b), assim como Ballestrin (2013) e Miglievich-Ribeiro (2014, 2020) reconhecem esse período como marcador importante para identificar a emergência dessa virada epistêmica, que se insere num contexto de debate amplo acerca da crise de paradigmas ou de *transição paradigmática* (SANTOS, 2004, 2006b).

Miglievich-Ribeiro (2016) sugere, como importante chave de leitura para compreender essa genealogia e virada pós-colonial, atenção a autores *fundadores* desse debate, mesmo sem se auto denominar pós-coloniais. Além desses, ela destaca a grande contribuição, nos anos 70 e 80 do século XX, do Grupo de Estudos Subalternos do Sul Ásia, constituído por intelectuais indianos/as; e dos Estudos Culturais, que conformou um tipo de pós-colonialismo anglo-saxão, tendo como referência Stuart Hall.

É importante registrar que é sob a forte influência desse *Grupo Sul-Asiático de Estudos Subalternos*, que vai se constituir o *Grupo Latino-Americano de Estudos Subalternos* nos anos 90, inserindo, assim, a região no debate pós-colonial. Esse grupo latino-americano, ao se referir em seu *Manifesto Inaugural*, como parte da primeira obra coletiva do grupo, acerca da influência indiana, destaca:

O trabalho do Grupo de Estudos Subalternos, uma organização interdisciplinar de intelectuais sul-asiáticos dirigida por Ranajit Guha, inspirou-nos a fundar um projeto semelhante dedicado ao estudo do subalterno na América Latina. (...) todos esses são processos que convidam a buscar novas formas de pensar e de atuar politicamente. (Grupo Latino-americano de Estudos Subalternos, 1998, p. 70).

No entanto, nessa primeira obra do grupo, podemos já identificar tensões internas, que apontam para uma necessidade de revisão crítica dessa referência dos estudos pós-coloniais indianos. Conforme expõem Castro-Gómez e Mendieta (1998), Walrer Mignolo, ainda que reconheça as potencialidades e virtudes desse grupo, aponta, também, seus limites e problemas epistemológicos e interpretativos para tratar do eurocentrismo que pesa historicamente sobre a América Latina. Para ele, é preciso inventar um outro caminho de análise a partir da própria história da região, isto é, que ela seja esse lugar próprio de enunciação para formulação de novos problemas, de novas teorias e epistemologias e, por conseguinte, de reinvenção crítica das ciências humanas e sociais.

É nesse movimento de *vigilância* e de *ruptura epistemológica* por parte de intelectuais desse grupo latino-americano que se vê a necessidade de um “Giro Decolonial” no final dos anos 90 e início dos anos 2000 e a constituição do *Grupo Modernidade-Colonialidade* (M/C) (CASTRO-GOMES, GROSFUGUEL, 2007).

Um dos grandes marcos iniciais desse giro foi o conceito de *colonialidade do poder* formulado por Aníbal Quijano (1992), que procura demarcar a diferença em relação ao conceito de colonialismo. Para esse autor, enquanto o colonialismo é entendido como um fenômeno histórico que terminou com a conquista da independência política desses países da região, a colonialidade, ao contrário, atravessa a história da região inaugurando um novo padrão ou quadro de poder global do capitalismo, forjando e impondo toda uma classificação e hierarquização social do trabalho com base numa ideologia étnico-racial. Daí que a modernidade tem como sua face oculta e necessária a *colonialidade*.

Essa tese é reveladora tanto de um “encobrimento”, marcadamente, violento que se impôs sobre diversos povos subalternos da região, por meio do projeto de modernidade ocidental (DUSSEL, 1993), quanto, dialeticamente, de um horizonte decolonial.

Ao deslocarmos esse tema para as ciências sociais produzidas na sociedade brasileira, com foco específico para o campo da sociologia da educação, que contribuição podemos identificar dos estudos decoloniais?

Embora a influência da ciência moderna ocidental sobre essas ciências ainda seja muito forte, contudo, é, também, verdade que nesse país já se produzia uma ciência social crítica tanto ao colonialismo epistemológico (ao eurocentrismo), quanto ao colonialismo econômico, político, social e cultural como obstáculos a um projeto autônomo de sociedade e de educação.

No tocante a isso, é importante tanto reconhecer a contribuição do pensamento social produzido no Brasil (MICELI, 1989; DANTAS MOTA, 1999; BOTELHO, SCHWARCZ, 2009, 2011; RICUPERO, 2011; PERICÁS, SECCO, 2014), bem como fomentar a pesquisa e estudos acerca dessa rica produção das ciências sociais no país, fazendo emergir e visibilizar sua condição de potência criadora de *imaginação social*, a partir das *margens* desses *brasis profundos*, demarcando a relevante contribuição que os estudos decoloniais podem trazer para essa reinvenção crítica e revigoração das ciências sociais na sociedade brasileira. Cabe

destacar que essa ciência social produzida no Brasil é, também, criadora de uma sociologia da educação, que vem tecendo seu caminho desde o início do século XX (SILVA, 2002).

Assim, cabe ressaltar que, além dessa recepção tardia desses estudos no país, ainda existe um longo e desafiante caminho a se construir nesse horizonte de descolonização das ciências sociais brasileiras e, em particular, da sociologia da educação. Não obstante esse tema dos estudos decoloniais esteja ocupando nas ciências humanas/sociais cada vez mais lugar de destaque dentro das universidades brasileiras, é de suma importância fortalecer e ampliar a agenda de pesquisa nesses campos de conhecimento.

Referências

BALLESTRIN, Luciana. América latina e Giro Decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº11. Brasília, maio - agosto de 2013, pp. 89-117.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago & MENDIETA, Eduardo. “Introducción: la translocalización discursiva de Latinoamérica en tiempos de la globalización”, em CASTRO-GÓMEZ, Santiago & MENDIETA, Eduardo (coords.). *Teorías sin disciplina: latinoamericanismo, poscolonialidad y globalización en debate*. México: Miguel Ángel Porrúa, 1998.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago & GROSGOUEL, Ramon (2007). “Prólogo. Giro decolonial, teoría crítica y pensamiento heterárquico”, em CASTRO-GÓMEZ, Santiago & GROSGOUEL, Ramon (coords.) *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre, Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos, Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

DOSSIÊ Educação e Estudos Pós-Coloniais: Reavista Realis, v.4, n.02, Jul-Dez, 2014.

DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. In. LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

FERNANDES, Florestan. *A Revolução Burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*. Curitiba: Kottter Editorial; São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

GRUPO LATINOAMERICANO DE ESTUDIOS SUBALTERNOS. RBCPed11.indd 114 26/06/13 18:20 América Latina e o giro decolonial 115 “Manifiesto inaugural”, em CASTRO-GÓMEZ, Santiago & MENDIETA, Eduardo (orgs). *Teorías sin disciplina: latinoamericanismo, poscolonialidad y globalización en debate*. México: Miguel Ángel Porrúa, 1998.

LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia Maria. A virada pós-colonial: experiências, trauma e sensibilidades transfronteiriças. *Revista Crítica de Ciências Sociais* [Online], 123 | 2020. URL : <http://journals.openedition.org/rccs/11077>.

_____. O “giro decolonial” latino-americano e a razão do Outro: a transmodernidade como deslocamento epistemológico. In. CASTRO, Edna Ramos. (Org.). *Pensamento crítico*

latino-americano / Edna Castro, organizadora. – São Paulo: Annablume: 2019.

_____. A virada conceitual pós-colonial: panorama, especificidades e possíveis contribuições às teorias sociais. 38º Encontro Anual. Trabalho apresentado no GT 40, 2014. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/38-encontro-anual-da-anpocs/gt-1/gt40-1/9216-a-virada-conceitual-pos-colonial-panorama-especificidades-e-possiveis-contribuicoes-as-teorias-sociais?path=38-encontro-anual-da-anpocs/gt-1/gt40-1>. Acesso em jun/2022.

_____. Pensamento Latino-Americano e Pós-Colonial: o diálogo possível entre Darcy Ribeiro e Walter Mignolo. 36º Encontro Anual. Trabalho apresentado no GT26 - Pensamento social latino-americano. Águas de Lindoia (SP), p. 1- 25, 2012.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adélia Maria et al. (Orgs.). Crítica pós-colonial: panorama de leituras contemporâneas 1. ed. - Rio de Janeiro : 7Letras, 2013.

MIGNOLO, Walter. Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad. Argentina: Ediciones del signo, 2010.

MIGNOLO, Walter. Os esplendores e as misérias da ‘ciência’: colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluri-versalidade epistémica. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). *Conhecimento prudente para uma vida decente. ‘Um discurso sobre as Ciências’ revisitado*. São Paulo: Cortez, 2004, p. 667-709.

MIGNOLO, Walter. *Histórias locais. Projetos globais*. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. BH: UFMG, 2003.

OLIVEIRA, Amurabi. Sociologia da educação e a sociologia das ausências e das emergências: um diálogo possível? Reavista Realis, v.4, n.02, Jul-Dez, 2014.

OLIVEIRA, A.; SILVA, C. A sociologia, os sociólogos e a educação no Brasil. Revista Brasileira de Ciências Sociais - vol. 31 N° 91.

OLIVEIRA, A.; SILVA, C. Mapeamento da Sociologia da Educação no Brasil: análise de um campo em construção. Atos de Pesquisa em Educação, v. 9, n. 2, p. 289-315, 2014.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa & MENESES, Maria Paula (Org.). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 84-130.

_____. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

_____. Colonialidad y modernidad-racionalidad., 1992. Disponível em: (baixa o site na internet). Acesso em jun/2022.

RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Do pós-moderno ao pós-colonial e para além de um e outro. In. SANTOS, Boaventura de Sousa. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2006b.

